

A infância e sua literatura na obra de Josefina Plá

Andre Rezende Benatti¹

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar a infância na literatura e a literatura infantil de Josefina Plá, artista hispano-paraguaia. Partiremos do princípio de infância como construção feita pelo homem em meados do século XVII, assim discutiremos o lugar da criança e sua literatura na sociedade humana, visando, também, o homem como um ser já criado pela sua própria mão, portanto, a infância, tal como a conhecemos hoje, como segunda criação deste homem. Como base para essas observações, utilizaremos as narrativas adultas “Sisé” e “Siesta” e as coletâneas infantis *Maravillas de unas Villas* (2003) e *Los Animales Blancos y otros cuentos* (2001). Para tanto, nos valeremos de conceitos dos estudos literários e da infância na literatura e cultura.

Palavras-chave: infância; Josefina Plá; narrativa.

Resumen: El presente artículo se propone a analizar la infancia en la literatura y la literatura infantil de Josefina Plá, artista hispanoparaguaya. Partiremos del principio de infancia como construcción hecha por el hombre en meados del siglo XVII, así discutiremos el lugar del niño y su literatura en la sociedad humana, mirando, también, el hombre como un ser ya creado por sus propias manos, por tanto, la infancia, tal como la conocemos hoy, como segunda creación de este hombre. Como base para estas observaciones utilizaremos las narrativas adultas “Sisé” y “Siesta” y las colectâneas infantiles *Maravillas de unas Villas* (2003) y *Los Animales Blancos y otros cuentos* (2001). Para tanto, nos valdremos de conceptos de los estudios literarios y de la infancia en la literatura y cultura.

Palabras clave: infancia; Josefina Plá; narrativa.

1 Concepções da infância

Quando remexemos e fazemos “arrumações” em nossas casas, daquelas em que tiramos o pó daqueles objetos que quase não usamos, daquelas em que reviramos todos os papéis antigos há muito não vistos, que ficaram guardados bem ao fundo das gavetas sob tantas coisas que agora julgamos mais importantes ou de mais valia em nossa vida, nesses momentos sempre nos deparamos com um ou outro papel ou objeto que pertenceu à nossa infância. Então, uma torrente de memórias esparsas começa a borbulhar em nossas mentes e, assim, a memória, fragmentada por natureza, começa a preencher os vazios que a mente criou, por não conseguir guardar tudo, e as lembranças relacionadas àquele pedaço de papel ou objeto retornam, por vezes fictícias, mas sempre emocionantes.

¹ Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutorando em Letras Neolatinas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Bolsista Capes; Pesquisador do Núcleo de Estudos Historiográficos de Mato Grosso do Sul; e-mail: andrebenatti@ufri.br.

O mundo que rodeou nossa infância, este que “esquecemos” quando nos tornamos adultos ou que, assim como os papéis antigos há pouco mencionados, deixamos no fundo das gavetas de nossa memória, é, como toda parcela da vida humana, uma criação, nem sempre existiu da maneira que conhecemos repleto de fantasia, cores, sabores, magia. Em grande parte da história humana este mundo simplesmente não existia de tal forma; até meados do século XVII o mundo adulto e o mundo infantil compartilhavam quase sempre os mesmos territórios e percepções.

Ao pensarmos a infância, este tempo que pertenceu e/ou pertence, d’alguma forma, a todo ser humano que chega à idade adulta, nos permitimos entender não somente sua história, que ao longo do tempo, assim como toda parcela de vida humana, muda, mas também pensar as diversas relações construídas em torno de sua concepção; permitimo-nos, dotados agora da dita “razão” que a maturidade nos implanta, compreender um mundo criado para nos “tirar” deste mundo empírico e ao mesmo tempo nos inserir nele. Por isso faz-se importante um olhar para seu desenvolvimento e significado na modernidade, o contexto no qual esta foi criada, como a temos na contemporaneidade, compreendendo os momentos favoráveis para este desenvolvimento.

A infância, como produto da modernidade, não pode ser compreendida se não for relacionada a fatores que contribuíram para sua construção, concebidos diante das necessidades estabelecidas pela racionalização do homem em contexto social.

La idea de la infancia aparece así como entrecruzada inevitable, si bien con frecuencia sólo latente, de muchos de los rasgos fundamentales de la modernidad literaria. Ahí están la memoria, la temporalidad, el perspectivismo, el énfasis sobre la visión, el afán tan característicamente moderno por profundizar en nuevos umbrales de experiencias (la expresión es de Jauss), la preocupación de generar nuevas voces...² (CABO ASEGUINOLAZA 2001: 32).

Portanto, não nos resta dúvida de que a ideia que fazemos hoje de infância – esta rodeada de fantasias, cuja realidade é permeada de contos de fadas, os quais fazem parte dela tornando “real” tudo o que a imaginação permitir – se distingue, por exemplo, das

² Tradução nossa: “A ideia da infância aparece assim como uma entrecuzilhada inevitável, se bem que com frequência só latente, de muitos dos rasgos fundamentais da modernidade literária. Aí estão a memória, a temporalidade, o perspectivismo, a ênfase sobre a visão, o afã tão caracteristicamente moderno de aprofundar em novos umbrais de experiências (a expressão é de Jauss), a preocupação de gerar novas vozes...”

crianças retratadas na pintura de *As Meninas*, de Diego Velázquez, ou do pequeno Lázaro, de *Lazarillo de Tormes*, crianças que “viveram” em uma época em que a infância que conhecemos não existia. Assim, o que pretendemos com este ensaio é limiar os dois períodos em obra da artista hispano-paraguaia Josefina Plá, cujas obras foram capazes de apreender os dois universos, o universo da criança com a infância tal como estamos acostumados e o universo da criança sem a infância, no qual o ser criança se faz meramente por uma questão de temporalidade natalícia, contada apenas por um espaçamento de anos, não por atitudes, não por costumes, o ser criança se faz apenas por uma questão numérica.

De acordo do SARMENTO (2007), o conceito que se conhece sobre a infância que foi construída historicamente é baseado em uma percepção adulta de tal fazer da vida. No entanto, assim como podemos perceber em outros vertentes estudos, por vezes tais perspectivas de um em relação ao outro se fazem problemáticas, ocultando a realidade social e cultural da criança necessitando, assim, de uma ruptura do modelo da infância até agora construído. Assim, tudo o que conhecemos, ou acreditamos conhecer, do universo da infância foi criado por adultos. Desde os contos de fadas repletos de magia, de seres fantásticos, de bruxas sempre más e de aparência envelhecida usando roupas escuras até príncipes e princesas perfeitos, dotados de todas as virtudes inventadas pelo ser humano, toda a fantasia, assim como por vezes a falta dela, tudo, dos livros infantis ao vídeo game, tudo foi criado por adultos, pensado por adultos, ou seja, a infância é um produto adulto.

Em conformidade com as ideias de ARIÈS (1981), percebemos que a infância, surgiu juntamente com os primórdios da sociedade industrial, momento em que a aprendizagem formal passa a ser responsabilidade da escola, enquanto à instituição familiar caberia o lugar da afeição.

Tais mudanças no comportamento da sociedade ocorreram em meados do século XVII e influenciaram na maneira com que as práticas educacionais foram postas, pois até então o mundo da criança e do adulto era o mesmo, não havia uma diferenciação entre o meio de um e de outro e a aprendizagem se dava pela proximidade de tais grupos e, conseqüentemente, por meio da observação.

Aceitando-se a tese de ARIÈS (1981), é preciso acolher a ideia de que a infância, tal qual é entendida hoje, resulta inexistente antes do século XVII. Todos os grupos das diversas faixas etárias eram relativamente iguais, ou seja, não havia muitos estágios de vida e os que existiam não eram tão claramente demarcados. A criança tinha

muito menos poder ou influência do que atualmente tem em relação aos adultos. E, provavelmente, ficava mais exposta à violência dos mais velhos (ARIÈS 1981), não era proprietária de seu próprio corpo. No entanto, havia aquelas, como Luiz XVI, na França, que possuíam poder sobre qualquer coisa, no caso de Luiz XVI, do reino francês, sendo tratado como igual ou superior por todos. Assim como havia os que jamais saíam da condição de infante, como os escravos, que nunca possuíam poder algum, eram classificados como dependentes, tidos como seres inferiores. Nunca se deve esquecer, claro, que neste período o que era tido como infância quase nada tem a ver com o que temos hoje; por este motivo temos tais comparações.

No entanto, mesmo tal criação sendo já secular, podemos perceber que por diversas vezes, por se tratar talvez de algo que não esteja regido por lei, não é “respeitada”. Ainda há, e provavelmente sempre haverá, aquela criança cujo mundo é muito próximo ao do adulto, a ela não sendo possibilitado o mundo da fantasia ou o mundo da criança, tal qual estamos acostumados nos dias correntes. Tais personagens – pois aqui estamos a tratar de literatura – às quais a infância é negada perpassam diversas vezes a obra de Josefina Plá. Exemplo disso é a personagem Maria, do conto “*Siesta*”, que sempre deve estar fazendo alguma tarefa doméstica, pois sua avó não gosta que a menina fique “ociosa”, “*la chiquilina atafagada limpiando el corredor. María debería estar descansando; pero Doña Ceferina ha salido, no volverá hasta las tres; y la vieja no permite que en su ausencia la chiquilina esté ociosa*”³ (PLÁ 1996: 187), ou Cayetana, que em um conto homônimo é uma empregada doméstica desde tenra idade.

2 Infância na literatura e literatura para a infância

Ao buscarmos as concepções e origens do que se entende por infância e literatura infantil fica extremamente difícil, para não dizer impossível, ligarmos tais pensamentos às lembranças de nossa própria infância, assim como as lembranças recentes de sobrinhos, filhos, alunos ou quaisquer crianças com as quais convivemos. Logo nos vemos cercados por histórias fantasiosas, por seres mágicos, bruxas e dragões.

Contudo, algo recorrente que nos vem de pronto à memória são as histórias que nos foram contadas na infância, ou seja, a literatura da infância. Ao nos preocuparmos

³ Tradução nossa: “a menininha atarefada limpando o corredor. Maria deveria estar descansando, mas Dona Ceferina saiu, não voltará até as três; e a velha não permite que em sua ausência a menininha esteja ociosa”.

com tais memórias e, conseqüentemente, com tais histórias, nos vêm algumas questões: de onde surgiram? Para que foram criadas? Quais suas reais intenções? Assim, de acordo com FILHO (2009), conforme avançamos no descobrimento, no remexer das memórias de diversos livros, percebemos que a origem dos famosos contos de fadas data do século XVIII, quando foram efetivamente publicados, no entanto muitos destes textos, destes contos de fadas foram adaptados a tal época, pois são oriundos de uma tradição oral, em grande parte servindo não somente para crianças como também para adultos, mas que com tal adaptação passam a atender à educação dos pequenos, pois procuram transmitir valores morais para a educação destes.

Ainda de acordo com FILHO (2009), é somente na segunda metade do século XIX que a literatura criada para crianças, a que nós conhecemos como Literatura Infantil, tomou maior proporção, pois “houve um crescente desenvolvimento dos estudos sobre pedagogia e psicologia voltada para a educação”.

Com a industrialização cada vez maior da sociedade a partir da segunda metade do século XVIII, há o desenvolvimento de novas classes sociais, e os valores da antiga e tradicional nobreza, com seus grandes clássicos da literatura que eram ensinados para as crianças por seus preceptores, assim como a oralidade campesina, em que crianças tinham contato com histórias por meio do contar de seus pais, já não servem mais; os valores são descartados em detrimento de outros novos, que já não são mais os simples e economicamente pobres camponeses, assim como não pertencem à tradicional nobreza, embora tenham o mesmo poderio econômico desta. Nasce neste século uma classe emergente: a burguesia.

Logo há de se criar algo que atenda aos anseios desta nova classe sedenta por novidades, ocorreu aí o surgimento dos chamados contos de fadas, dentre outras literaturas voltadas para crianças, para o aprendizado. Histórias que antes eram contadas nos entremeios de novelas de cavalarias, ou tão fantasiosas quanto, são editadas e reeditadas. Indo de encontro a este pensamento, temos sempre em mente a obra de Josefina Plá, que, em vida, publicou apenas um livro para crianças, *Maravillas de unas Villas*, mas cujas histórias para crianças são inúmeras. De acordo com MEDINA (2003: 9): “*Decía Doña Josefina que sus historias para la gente de menor edad habían empezado como relatos orales muy eficaces para tener cerca a sus nietos un momento*

más”⁴, ou seja, relatos voltados para esta “classe” criada pela mão do homem, a infância, prendendo sua atenção e ensinando-lhe.

Assim, ao olharmos com mais atenção tais obras, podemos perceber que estas são sempre possuidoras de uma estrutura que abrange temas de valores humanos, valores de sociedades humanas, que funcionam, portanto, como “conduta” a ser seguida pelas crianças em toda sua vida. Quem não se lembra da expressão “moral da história”, utilizada por vezes pelos próprios contadores de histórias para facilitar o entendimento desta e a “aprendizagem” que ela quer passar a todos seus leitores infantis? Esse é o caso, por exemplo, das fábulas do século XVIII de Tomás de IRIARTE (1976):

El gusano de seda y la araña

*Trabajando un gusano su capullo,
la araña, que tejía a toda prisa,
de esta suerte le habló con falsa risa,
muy propia de su orgullo:
«¿Qué dice de mi tela el seor gusano?
Esta mañana la empecé temprano,
y ya estará acabada al mediodía.
¡Mire qué sutil es, mire qué bella!...»
El gusano con sorna respondía:
«Usted tiene razón; así sale ella.»*

*Se ha de considerar la calidad de la obra y no el tiempo que se ha tardado en hacerla.*⁵

Na fábula acima citada podemos notar que no fim da história há uma mensagem que finaliza o texto fazendo com que o leitor reflita sobre a história de maneira determinada, não havendo espaço para outra interpretação. Podemos, portanto, perceber com mais convicção que o texto literário voltado para crianças desde suas primeiras concepções, como o de Iriarte ainda em versos, tem como intuito reforçar e/ou ensinar uma “maneira de viver”, ensinamento este que já não é dado somente pelos pais, os quais passam menos tempo com as crianças e mais tempo no trabalho, fora do ambiente da casa. “*Se ha de considerar la calidad de la obra y no el tiempo que se ha tardado en*

⁴ Tradução nossa: “Dizia Dona Josefina que suas histórias para a gente de menor idade haviam começado com relatos orais muito eficazes para ter por perto seus netos um momento mais”.

⁵ Tradução nossa: “O bicho da seda e aranha/Trabalhando um bicho da seda em seu casulos,/a aranha, que tecia com toda pressa,/Desta forma, ela falou com falso riso,/ e orgulho próprio: ‘O que diz de minha tela senhor bicho da seda?/Esta manhã comecei cedo,/e já estará acabada ao meio-dia./Veja como é sutil, olhe o quão é bonita! ...’/O bicho da seda com ironia respondia:/ ‘Você está certa; assim vai ela.’/Tem que considerar a qualidade do trabalho, e não o tempo que levou para fazê-lo”.

hacerla”, diz a fábula de Iriarte, ensinando os pequenos humanos que há de se fazer um trabalho bem feito sempre, não importando o quanto custe para fazê-lo.

Segundo Nelly Novaes COELHO, a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO 1991: 5).

Assim podemos pensar em toda uma gama de literatura criada ou compilada dos relatos orais a partir do século XVII/XVIII com esta exata função, instruir e formar a criança. Tal fato perdura na literatura em todo o ocidente. No século XX, por exemplo, a autora hispano-paraguaia Josefina Plá insere, como já dito, seus relatos infantis como meio para ficar mais próxima e educar seus próprios netos e também seus alunos.

No entanto, quando tratamos deste assunto, não nos pode fugir à mente a representação da própria criança no meio literário. Há de se convir que, se antes do século XVII/XVIII não havia uma literatura concebida para crianças, que atendia a seus anseios de aprendizagem ou coisa que o valha, havia, e muito, a presença de crianças representadas dentro de obras literárias. Como não rememorar o pequeno Lázaro, de *Lazarillo de Tormes*, e suas inúmeras fortunas e adversidades, nunca sendo tratado como uma criança, tal qual conhecemos na contemporaneidade.

*La marginación social en la cual se encuentra inmerso el Lazarillo se refleja en una serie de hechos que condicionan el desarrollo normal de su vida diaria. La miseria infantil se expresa en privaciones tales como: abandono, hambre, trabajo y violencia infantil, todo lo cual irá, en ciertas ocasiones, arrastrando a nuestro protagonista al extremo de sobrepasar la frontera de lo considerado por la sociedad como moralmente correcto, por cuanto no trepidará en llevar a cabo acciones viciadas, como es robar y el hurtar*⁶ (OLGUÍN 2007: 167-168).

Trata-se de uma infância cercada por prejuízos que nem de longe se parece com o que reconhecemos por infância hoje, pois se criou a ideia de um período no qual o ser

⁶ Tradução nossa: “A marginalização social na qual se encontra imerso o Lazarillo se reflete em uma série de feitos que condicionam o desenvolvimento normal de sua vida diária. A miséria infantil se expressa em privações tais como: abandono, fome, trabalho e violência infantil, tudo o qual irá, em certas ocasiões, arrastando nosso protagonista ao extremo de sobrepassar a fronteira do considerado pela sociedade como moralmente correto, por quanto não trepidará em levar a cabo ações viciadas, como é roubar e o furtar”.

humano pequeno não pode passar por qualquer adversidade. Mas o que seria de Lázaro, por exemplo, sem tais adversidades? Os caminhos percorridos, as desventuras, tudo, mesmo que de um modo que podemos chamar “torto”, também funciona como uma aprendizagem para ele.

3 Infância no conto e contar para a infância na obra de Josefina Plá

Para a artista Josefina Plá – e aqui a tratamos por artista devido não somente à diversidade de seu trabalho, que vai das letras às artes plásticas, mas ao *status* de criação de obra de arte estética, nos diversos gêneros em que atuou:

En el arte, el hombre trata de recuperar su perdido ritmo con el Cosmos. El niño y el salvaje – los creadores que realizan el desiderátum de crear en plena libertad psíquica – están por esencia más cerca de ese ritmo. Y se ha señalado decisivamente la radical semejanza entre el niño y el artista en el acto de crear. Su terreno es el subconsciente: el terreno, precisamente, en que el hombre late al unísono con ese ritmo perdido.

Hay que buscar aquí la clave de esta curiosa aproximación que ha existido siempre entre las creaciones geniales, las más llenas de espíritu, y las creaciones del hombre primitivo. Y de ahí que obras primitivas como los bronzes de Beni y los huacos retratos nazcas resulten asombrosamente modernos⁷ (PLÁ 1991: 340).

Ou seja, para Plá, há uma aproximação muito grande do artista e da criança, ambos criam universos próprios, sem esquecer nunca que o universo criado pela criança é uma segunda criação, pois como vimos anteriormente o mundo infantil, visto aqui como todo o aparato necessário para que a criança se torne esta criadora da qual estamos falando, é proporcionado pelo adulto.

Josefina Plá cria, em suas narrativas, distintos universos da infância, um presente em seus contos adultos e outro em suas narrativas infantis. Distanciados imensamente em alguns casos, por sua grande carga realista crítica, como nos contos adultos de “*Sise*” e “*Siesta*”, e sua ludicidade também crítica, dos contos infantis de *Maravillas de*

⁷ Tradução nossa: “Na arte, o homem trata de recuperar seu perdido ritmo com o Cosmos. A criança e o selvagem – os criadores que realizam o desiderátum de criar em plena liberdade psíquica – estão por essência mais perto desse ritmo. E marca decisivamente a radical semelhança entre a criança e o artista no ato de criar. Seu terreno é o subconsciente: o terreno, precisamente em que o homem bate unísono com esse ritmo perdido. Há que buscar aqui a chave desta curiosa aproximação que existe sempre entre as criações geniais, as mais cheias de espírito, e as criações do homem primitivo. E daí que as obras primitivas como os bronzes de Beni e os *huacos* retratos nazcas resultem assombrosamente modernos”.

unas Villas ou de *Los Animales Blancos*, mas em alguns casos como em “El calendario maravilloso” ou “El pequeño monstruo”, Plá consegue “unir” os dois universos criando contos fantásticos em que há a presença do fator lúdico, mas que se encontra carregado de uma realidade totalmente crítica.

De acordo com Ángeles MATEO DEL PINO (2002), toda a obra narrativa de Josefina Plá é muito menos conhecida que o restante de criação literária, sobretudo a poesia, pois toda sua obra foi publicada em editoras locais de Assunção ou em suplementos de jornais. Apenas um romance, quatro livros de contos adultos e um de contos infantis foram publicados em formato de livro ainda que com pequenas tiragens enquanto Josefina ainda vivia. De acordo com Josefina Plá:

La narrativa es uno de mis modos de expresarme; no una vertente exclusiva. Escribo cuentos cuando necesito hacerlo (hace diez años que no los escribo). Escribo cuentos por temporadas, como necesito por temporadas escribir versos o hacer cerámica. Podría decir que tengo fases como la luna, sin por eso ser más lunática que cualquiera otro escritor que se respete. Porque creo en realidad que en todo escritor se da esa tendencia cíclica: el que menos, tiene dos fases: la activa y la del dulce far niente. Yo, ésta, por desgracia para mí y para todos, no la conocí nunca⁸ (PLÁ 1996: 52).

Assim podemos deduzir que, se há fases de criação estética distinta, há também alguma fase de criação em que a autora se dedica à literatura para adultos e à literatura para crianças. No entanto, há de se lembrar sempre que a criação contística adulta de Josefina Plá teve sua época de auge, mas nunca a autora deixou de produzir narrativas, mesmo que em menor quantidade. Destas narrativas, sua incursão nos universos da criança e em sua representação na literatura adulta sempre se deu. Há diversas personagens de seus contos adultos, como Severina, Cayetana, Maria, Delpilar, Sise e Maristela, que são representadas na narrativa toda ou grande parte desta em tenra idade, mas sofrendo uma carga que, aos olhos contemporâneos do que se tem por infância, diríamos que esta, a infância, foi retirada das personagens de Plá. Trata-se de personagens cuja infância lhes foi roubada.

⁸ Tradução nossa: “A narrativa é um de meus modos de expressar-me; não uma vertente exclusiva. Escrevo contos quando necessito fazê-lo (faz dez anos que não os escrevo). Escrevo contos por temporadas, como necessito por temporada escrever versos ou fazer cerâmica. Poderia dizer que tenho fases como a lua, sem por isso ser mais lunática que qualquer outro escritor que se respeite. Porque creio que na realidade em todo escritor se dá essa tendência cíclica: o que menos, tem duas fases: a ativa e a do *dolce far niente*. Eu, esta, por desgraça para mim e para todos, não a conheci nunca”.

Não podemos, no entanto, nos esquecer da literatura de Josefina Plá na qual não há a criança representa, mas para a qual ela é direcionada. A incursão da escritora no mundo da literatura para crianças é muito anterior à sua única obra literária infantil publicada enquanto ainda viva, em 1988, *Maravillas de unas Villas*. De acordo com MATEO DEL PINO (2002), Josefina Plá se encarregou de uma série, “*Cuentos de ayer y de hoy*”, em um programa rádio, no qual recriava histórias e contos já existentes e de diferentes nacionalidades e épocas. Mas somente em 1975, por conta de uma vivência pessoal, começa a produzir contos literários infantis próprios, histórias nunca antes contadas.

*En 1975 tuve una crisis de flebitis, me quedé clavada en un sillón tres meses; quería que mis nietos (cinco y tres años) me acompañasen, y para ello eché mano como cebo de los cuentos que se me ocurrían, improvisando. Viendo que los entendían y les gustaban, pensé en darles forma escrita. El resultado está ahí*⁹ (PLÁ apud MATEO DEL PINO 2002: 17).

Depois do episódio, Plá se dedica com afinco a produzir contos infantis. Dos mais de cem contos infantis que a própria autora afirmava ter, a maioria não eram, nem o são ainda, publicados em livros; estes foram se perdendo em meio a jornais e revistas locais.

Com seus contos infantis Josefina Plá, conforme nos afirma MATEO DEL PINO (2002), realiza uma prosa alimentada pela poesia, pelo humor refinado, pela ironia e pela reflexão. O objetivo destes contos é fazer com que o cotidiano seja lúdico, ainda que isso implique em romper com a razão mais elementar. Nos seus contos infantis, a fantasia ocupa tudo, todo o cotidiano; toda a rotina de vida das personagens é fantástica. No entanto, há em todas as narrativas uma lógica que sustenta a noção de “verdade” à fantasia criada pela artista. Todo o cotidiano criado por Plá está fora das leis naturais da realidade e, ainda de acordo com MATEO DEL PINO (2002), poderíamos até dizer que se esquece da realidade. Não se trata de contos cuja única finalidade seja a mensagem ou os ensinamentos finais; ao contrário, estas apenas acompanham o gozo do conto, pois esta é a finalidade destes, o deleite.

⁹ Tradução nossa: “Em 1975 tive uma crise de flebite, fiquei cravada em uma cadeira por três meses; queria que meus netos (cinco e três anos) me acompanhassem, e para isso enchi as mãos como isca de contos que me ocorriam, improvisando. Vendo que os estendiam e gostavam, passei a dar-lhes forma escrita. O resultado está aí”.

*Porque aunque esta literatura, si no es, como la adulta, madurez emocional y acción decisiva, ella no deja de ser por eso un paralelo de la vida; y en ella, como en la otra, cada hecho es por si ejemplar: es decir tiene un significado propio para el personaje que lo realiza, y lo tiene también, por tanto, para el lector. Debe pues operar ese hecho por sí mismo, sin necesidad de moralejas ni de inyecciones didácticas*¹⁰ (PLÁ apud MATEO DEL PINO 2002: 22).

Plá nos oferece contos com mundos variáveis cuja magia/fantasia está sempre prevalecendo, tornando-se natural quicá pelo cotidiano impregnado na narrativa. Assim, a artista faz com que tais contos, como obras estéticas, não se fixem exclusivamente para o público adulto, mas sim para um leitor de “espírito jovem” capaz de comover-se com a espontaneidade de cada narrativa, de cada ação fantástica relatada. Conforme MATEO DEL PINO (2002), o também escritor Augusto Roa Bastos denominou os contos infantis de Plá como “relatos para la humanidad joven”, pois para ele as narrativas da escritora voltadas para o público infantil poderiam ser lidas e sentidas com a mesma intensidade nas mais diversas idades.

Se em parte de sua narrativa adulta Josefina Plá elege a criança como protagonista, em seus contos infantis são os animais que, com frequência, entram em cena para protagonizar as histórias. Muitas das vezes eles estão envolvidos com crianças, ou em diálogos, ou em entrevistas cujas “notícias” são informações sobre o mundo animal fornecidas para a criança, como nos casos dos contos que se fazem na obra póstuma *Los Animales Blancos y otros cuentos*, ou há ainda aqueles casos em que um narrador, que não é uma criança, fará as inserções das personagens.

No entanto, mesmo com esta imersão e este afincamento da artista na produção de literatura para crianças, não podemos deixar de lado o fato de que, na literatura adulta produzida por Josefina Plá, a presença da criança é uma constante, mas não a criança como seus próprios netos, que param por horas para ouvir as histórias fantásticas contadas por sua avó, e sim crianças a quem tudo é negado.

Maria, no conto “*Siesta*”, é uma menininha, “*chiquilina*”, que, abandonada pela mãe, vive em casa com sua avó paterna e seu pai. A avó a obriga a trabalhar nos serviços domésticos: “[...] *la vieja no permite que en su ausencia la chiquilina esté*

¹⁰ Tradução nossa: “Porque ainda que esta literatura, se não é, como a adulta, madura emocionalmente e ativamente decisiva, ela não deixa de ser por isso um paralelo da vida; e nela, como na outra, cada feito é por si só *exemplar*: ou seja, tem um significado próprio para a personagem que o realiza, e o tem também, portanto, para o leitor. Deve, pois, operar este feito por si mesmo, sem a necessidade de morais nem de injeções didáticas”.

ociosa. [...]”¹¹ (PLÁ 1996: 187). E seu pai não a reconhece como filha nem fala com Maria: “Si él la llama pocas veces por su nombre, tampoco ella le llama papá. No le ha permitido él tomar la costumbre”¹² (PLÁ 1996: 188).

A maneira com que Maria é construída no conto “*Siesta*” revela-nos uma conotação subalterna, oprimida pela avó, que a reconhece como neta, mas a explora, e renegada pelo pai, que nem lhe permite tal nomeação. A violência é uma das grandes marcas do conto: Maria é forjada nos moldes da opressão e da exploração, a ela não cabe o sonhar, não cabe o ser criança, a aprendizagem se dá por meio da força do trabalho e não pelo ensinamento.

O mesmo ocorre no conto adulto “*Sisé*”, no qual é narrada a história de Sisenanda, ou simplesmente Sisé, uma menina que perde a mãe ao nascer e que é encontrada por empregados de uma fazenda no interior do Paraguai. Nesta ambientação campesina, Sisé é criada como se fosse um animal do lugar, bebendo no mesmo vasilhame que os porcos: “[...] *Le dio leche, con la misma mamadera del chanchito [...]*” (PLÁ 1996: 196)¹³ e comendo sobras de ossos: “[...] *La criatura sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba de su plato [...]*” (PLÁ 1996: 196)¹⁴. Esta é a vida de Sisé até que ela, atingindo certa idade, no conto descrito como mais ou menos doze anos, começa a tomar formas mais femininas, momento em que outra torrente de violência ainda maior ingressa em sua vida, passando a ser estuprada primeiramente pelo dono da fazenda, depois por seus filhos. A violência segue até que Sisé engravida e é encontrada morta junto a seu filho em uma manhã de Natal.

Como podemos perceber nos relatos dos dois contos, e assim ocorre em diversos outros contos adultos, as crianças não têm sua infância tal como a conhecemos. O que elas têm é um “regresso” a uma época em que a infância não existia. Assim, podemos concluir que em sua vasta obra poética Josefina Plá transita para além dos diversos gêneros, nas pequenas peculiaridades de cada gênero em particular, como as narrativas para e com crianças.

As concepções que temos hoje, como adultos, do que é infância, certamente são totalmente distintas da concepção que tivemos desta quando estávamos nela, se é que a percebemos algum dia enquanto ela transcorria, seja a “infância” vivida por Maria e

¹¹ Tradução nossa: “[...] a velha não permite que em sua ausência a pequenina esteja ociosa [...]”.

¹² Tradução nossa: “Se ele a chama poucas vezes por seu nome, tampouco ela o chama papai. Ele não permitiu que ela tomasse esse costume”.

¹³ Tradução nossa: “[...] Deu-lhe leite com a mesma mamadeira do porquinho [...]”.

¹⁴ Tradução nossa: “[...] A criatura sentada no chão da cozinha chupava um osso que a cozinheira lhe passara de seu prato [...]”.

Sisé, seja a “infância” impregnada nos contos de *Maravillas de unas Villas* ou de *Los animales blancos y otros cuentos* todo o este universo criado, a existência do homem enquanto homem tem como caráter primordial a dialética com o que o cerca, com o universo no qual ele está inserido. Faz-se homem por “dialogar”, portanto o ser humano é a própria denominação da linguagem, que desvenda o mistério daquilo que o cerca por meio da linguagem, do discurso, da criação de um universo que explique o universo no qual este ser criado está inserido. A literatura, assim como outras criações artísticas não verbais, é o produto no qual este homem cria as explicações para os mistérios do mundo empírico. No entanto, para que este mesmo homem crie é necessário que ele se admita como criação e crie, novamente, uma máscara, uma persona, a fim de que sobre esta possa desenvolver toda e qualquer atitude, para a qual não foi “moldado” quando de sua primeira criação, homem e infante.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *A história social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BORDOLI DOLCI, Ramón. Josefina Plá: El cuento infantil. In: *Revista Zurgai*, 1999.

CABO ASEGUINOLAZA, Fernando. *Infancia y modernidad literaria*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Concepções da infância e literatura infantil. In.: *Revista Linha D'água* 22(1), 2009.

IRIARTE, Tomás. *Fábulas literarias de Don Tomás de Iriarte*. Prólogo a cargo de Alberto Navarro González. Madrid: Espasa Calpe, 1976.

MEDINA, Gladys Carmagnola de. Antes de la lectura. In.: PLÁ, Josefina. *Maravillas de unas villas*. Asunción: Casa de la Cultura, 2003.

MATEO DEL PINO, Ángeles. Introducción. In.: PLÁ, Josefina. *Los animales blancos y otros cuentos*. Org. Ángeles Mateo del Pino. Santiago: LOM, 2002.

OLGUÍN, Jorge Pablo. Aproximación a las nociones de infancia y juventud a través de una obra literaria del Siglo de Oro español: Lazarillo de Tormes. In.: *Taller de letras* 41. Departamento de Literatura de la Facultad de Letras, de la Pontificia Universidad Católica de Chile: Santiago, 2007.

PLÁ, Josefina. *Cuentos completos*. Org. Miguel Ángel Fernández. Asunción: Editorial El Lector, 1996.

_____. Arte actual en el Paraguay. In: _____. *Obras completas I*. Org. Miguel Ángel Fernández. Asunción: RP Ediciones, 1991.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de (org.). *Infância (in) visível*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.